

## Ọ̀yọ́túnjì Village: a preservação e adaptação da Cultura Yorùbá na diáspora dos Estados Unidos

### Ọ̀yọ́túnjì Village: the preservation and adaptation of Yorùbá Culture in the United States diaspora

Rodrigo Peniche \*  
Marcial Maçaneiro \*\*

#### Resumo

Este artigo explora Ọ̀yọ́túnjì Village, uma comunidade afro-americana na Carolina do Sul, que se destaca como um exemplo paradigmático da preservação e adaptação das tradições Yorùbá fora do continente africano. Utilizando uma abordagem interdisciplinar, o estudo analisa o contexto histórico da diáspora Yorùbá, a fundação e o desenvolvimento da vila, e as práticas culturais e religiosas que a caracterizam. Através da análise detalhada, o artigo ressalta a importância de Ọ̀yọ́túnjì na diversidade religiosa americana, mostrando como a comunidade contribui para o pluralismo e a compreensão mútua entre diferentes tradições religiosas. Entretanto, o estudo também examina os desafios significativos enfrentados pela comunidade, como a sustentabilidade econômica e a aceitação social, e as estratégias inovadoras adotadas para garantir a continuidade e a vitalidade de suas tradições culturais e religiosas. Ao abordar a resiliência e a capacidade de reinvenção de Ọ̀yọ́túnjì Village, o artigo oferece uma compreensão mais profunda da dinâmica cultural e religiosa na diáspora africana. A análise não apenas destaca a importância da preservação das tradições Yorùbá, mas também reconhece o papel crucial dessas comunidades na formação de um panorama cultural e religioso mais inclusivo e diversificado nas Américas.

**Palavras-chave:** Ọ̀yọ́túnjì Village. Cultura Yorùbá. Preservação Cultural. Adaptação Cultural. Diversidade Religiosa.

#### Abstract

This article explores Ọ̀yọ́túnjì Village, an African American community in South Carolina, which stands out as a paradigmatic example of the preservation and adaptation of Yorùbá traditions outside the African continent. Utilizing an interdisciplinary approach, the study analyzes the historical context of the Yorùbá diaspora, the founding and development of the village, and the cultural and religious practices that characterize it. Through detailed analysis, the article highlights the importance of Ọ̀yọ́túnjì in American religious diversity, showing how the community contributes to pluralism and mutual understanding among different religious traditions. However, the study also examines the significant challenges faced by the community, such as economic sustainability and social acceptance, and the innovative strategies adopted to ensure the continuity and vitality of its cultural and religious traditions. By addressing the resilience and capacity for reinvention of Ọ̀yọ́túnjì Village, the article offers a deeper understanding of the cultural and religious dynamics in the African diaspora. The analysis not only underscores the importance of preserving Yorùbá traditions but also acknowledges the

Artigo submetido em 01 de setembro de 2024 e aprovado em 24 de dezembro de 2024.

\* Mestre e Doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Graduado em Teologia pela mesma instituição. País de origem: Brasil. ORCID: 0009-0003-4442-1640. E-mail: rodrigo.peniche@pucpr.edu.br.

\*\* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma. Mestre em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte. Bacharel em Teologia pela Faculdade Dehoniana, Taubaté, SP. País de origem: Brasil. ORCID: 0000-0003-3085-8588. E-mail: marcialscj@gmail.com.

crucial role of these communities in shaping a more inclusive and diverse cultural and religious landscape in the Americas.

**Keywords:** *Ọyótúnjí* Village. Yorùbá Culture. Cultural Preservation. Cultural Adaptation. Religious Diversity.

## Introdução

A pluralidade religiosa e cultural dos Estados Unidos é um reflexo direto da complexa interseção de diversos grupos étnicos e culturais que compõem a nação. Entre esses grupos, os descendentes dos *Yorùbá*, trazidos para o Novo Mundo através do comércio transatlântico de escravos, desempenham um papel crucial na formação do mosaico cultural e religioso americano. Esta pesquisa enfoca *Ọyótúnjí* Village, uma comunidade afro-americana fundada na Carolina do Sul, que se destaca como um exemplo paradigmático da adaptação e preservação das tradições *Yorùbá* fora do continente africano. *Ọyótúnjí* Village não é apenas um espaço onde os aspectos culturais e religiosos *Yorùbá* são mantidos, mas também um ponto focal para a discussão sobre a influência das práticas africanas na construção da identidade cultural e religiosa dos Estados Unidos.

O comércio transatlântico de escravos, que perdurou aproximadamente de 1560 a 1867, resultou na deslocação forçada de milhões de africanos para as Américas. Entre esses africanos, os *Yorùbá*, provenientes principalmente da região que hoje corresponde ao sudoeste da Nigéria e partes do Benin e Togo, foram um grupo significativo. Apesar de enfrentarem condições de extrema adversidade e desumanidade durante o transporte e o trabalho forçado, os *Yorùbá* conseguiram preservar elementos essenciais de suas tradições culturais e religiosas. A diáspora *Yorùbá* se espalhou pela América Latina, Caribe e, em menor escala, pelos Estados Unidos, onde suas práticas e crenças foram adaptadas e transformadas sob novas condições.

Nos Estados Unidos, o impacto da cultura *Yorùbá* pode ser observado nas comunidades afro-americanas, particularmente nas formas de religiões sincréticas como a Santería e o Candomblé. No entanto, a presença e a influência das tradições *Yorùbá* no sul dos Estados Unidos foram historicamente menos evidentes em comparação com outras regiões da diáspora africana. A fundação de *Ọyótúnjí* Village em 1970 por Walter Eugene King, que assumiu o título de

*Ẹ́fúntólá Osejeman Adélabú Adéfúnmi I*, representa uma tentativa deliberada de recriar e preservar uma expressão autêntica da cultura Yorùbá em território americano. Nomeada em homenagem à histórica cidade de Ọ̀yó, na Nigéria, *Ọ̀yọ́túnjì* Village tornou-se um microcosmo da cultura Yorùbá, proporcionando um espaço onde práticas religiosas, cerimônias e festivais são mantidos e celebrados.

A importância de *Ọ̀yọ́túnjì* Village transcende a preservação cultural, oferecendo também uma perspectiva única sobre como as tradições africanas podem interagir com o contexto cultural e religioso dos Estados Unidos. Esta comunidade é um exemplo de como práticas religiosas e culturais podem ser reimaginadas e adaptadas em um novo ambiente, mantendo ao mesmo tempo uma conexão profunda com suas raízes africanas. O impacto de *Ọ̀yọ́túnjì* Village é visível não apenas na forma como ele contribui para a diversidade religiosa americana, mas também em como ele molda e redefine o imaginário nacional dos Estados Unidos em relação às suas comunidades afro-americanas.

Este artigo visa explorar *Ọ̀yọ́túnjì* Village através de uma abordagem interdisciplinar, incorporando perspectivas da história, sociologia e estudos religiosos para oferecer uma análise abrangente da influência e do papel dessa comunidade na diversidade cultural e religiosa dos Estados Unidos. Serão discutidos os seguintes aspectos: o contexto histórico da diáspora Yorùbá, com ênfase na chegada e adaptação dos Yorùbá no Novo Mundo; a fundação e o desenvolvimento de *Ọ̀yọ́túnjì* Village como um centro de preservação cultural e religiosa; as práticas religiosas e culturais específicas da comunidade, incluindo cerimônias, festivais e a língua Yorùbá; e, finalmente, a contribuição de *Ọ̀yọ́túnjì* Village para a diversidade religiosa e cultural dos Estados Unidos, incluindo sua influência no imaginário nacional e no discurso sobre identidade afro-americana. Ao abordar esses temas, este estudo busca não apenas compreender a importância de *Ọ̀yọ́túnjì* Village, mas também oferecer insights sobre a dinâmica da preservação cultural e religiosa no surgimento da diáspora africana.

## **1. Contexto Histórico e Formação de *Ọ̀yọ́túnjì* Village**

O contexto que precede o surgimento de *Ọ̀yọ́túnjì* tem como pano de fundo

o tráfico transatlântico de escravos, um dos capítulos mais trágicos e complexos da história global, onde milhões de africanos foram raptados e desarraigados de suas terras natais, principalmente da África Ocidental e África Central, e submetidos a uma travessia em condições ignominiosas pelo Oceano Atlântico.

Tais africanos foram submetidos à condição de mera mercadoria e foram despachados principalmente para as Américas e Caribe, onde se defrontaram com a brutalidade da escravidão, bem como com a tentativa do colonialismo de lhes impor sua tradição, cultura e religião. Dentre os diversos grupos étnicos sequestrados, destacam-se os *Yorùbá*, advindos das regiões que hoje compreendem a Nigéria, partes do Benin e Togo. Esse grupo foi despachado para países como Brasil, Cuba e Estados Unidos.

As dispersões forçadas dos africanos no Novo Mundo, acompanhadas pela escravidão, trouxeram consigo inúmeras tentativas de revoltas e de preservação cultural, social e religiosa. No Brasil, tais resistências se manifestaram principalmente por intermédio das fugas individuais e pela formação de comunidades de fugitivos, conhecidas inicialmente como “mocambos” e posteriormente como “quilombos”. Para além de comunidades de refúgio, os quilombos eram também locais de resistência e luta pela preservação da cultura e tradição dos africanos escravizados; um exemplo nítido é o famoso quilombo dos Palmares. Localizado na região da Serra da Barriga, Alagoas, e tendo como líder inicial Ganga Zumba, Palmares se destacou pela sua organização social, bem como sua proeminência, chegando a atingir uma população de aproximadamente vinte mil habitantes, dentre eles africanos escravizados fugidos, indígenas refugiados e um pequeno contingente de brancos sem-terra. A resistência dos habitantes de Palmares também se deu pelo seu estilo de vida, baseado numa vivência comunitária organizada pela agricultura, por intermédio do cultivo de mandioca, milho, feijão e outras culturas de subsistência, que garantiam a autonomia alimentar da comunidade. Palmares também se destacou pela organização militar. Clovis Moura (2021) aponta que os quilombolas de Palmares haviam desenvolvido uma própria indústria bélica, onde produziam lanças, arcos, flechas, facas e outros artefatos militares. Concomitantemente, eles implantaram sistemas de defesa compostos por muralhas, paliçadas e armadilhas com

estrepes, a fim de amedrontar e repelir possíveis invasores e perseguidores. Para além de tentativas de preservação cultural e social, os africanos escravizados também tentaram preservar sua religião. Uma das primeiras tentativas documentadas é a de calundos, uma forma de crença religiosa afro-brasileira que continha diversos elementos religiosos de múltiplos grupos étnicos africanos. Silva as definiu como “diversas formas de dança, como as coletivas, além de músicas com acompanhamento de instrumentos de percussão. Também incluía práticas como a invocação de espíritos, sessões de possessão, adivinhação e cura mágica” (Silva, 2022, p. 43).

Tais tentativas de subversão e preservação não foram exclusivas dos africanos escravizados no Brasil. Esses esforços alcançaram a outras regiões das Américas, onde tais africanos escravizados também lutaram para manter suas tradições culturais, religiosas e sociais diante da opressão e perseguição por parte da colônia e a escravidão. Na América Central e no Caribe, as comunidades africanas escravizadas elaboraram núcleos sociais semelhantes aos quilombos brasileiros, onde engajaram-se na prática de suas tradições culturais e religiosas.

Em Cuba, tais escravizados se organizaram em comunidades conhecidas como *palenques*. Tais *palenques* eram assentamentos autônomos que ofereciam segurança e um espaço para que pudessem praticar e preservar suas tradições e culturais.

Nos Estados Unidos, as tentativas de resistência e preservação cultural emergiram em múltiplos formatos. Dentre eles se destacam a criação de comunidades autônomas pelos africanos escravizados, conhecidas como *maroons*. A fim de dificultar sua recaptura, tais africanos instalaram essas comunidades nas regiões pantanosas e montanhosas, de estados que hoje compreendem a região da Carolina do Sul, Carolina do Norte, Virginia, Louisiana e Flórida. Essas comunidades, frequentemente compostas por africanos da região da Costa do Guiné, desenvolveram uma cultura singular que mesclava elementos africanos com influências locais. Os maroons eram conhecidos por suas habilidades em agricultura, caça e pesca, abem como sua capacidade em defender-se de possíveis ataques. Robert Charles Dallas aponta que “há evidências da existência de pelo menos cinquenta dessas comunidades em vários

lugares e em várias épocas, de 1672 a 1864” (Dallas, 2013, p.144). Essas múltiplas comunidades promoveram diversas revoltas a fim de manterem vivas sua história, cultura e existência, dentre elas, a mais significativa foi a Revolta de Stono, em 1739, na Carolina do Sul, onde um agrupamento de escravizados, incluindo os Maroons, se uniu numa tentativa de escapar para a Flórida, “onde a liberdade era prometida aos fugitivos”. Tais revoltas acabaram resultando na promulgação de leis que incentivavam a caça e a morte desses grupos, intensificando assim os conflitos entre os maroons e colonizadores. A não rendição do maroons as investidas dos colonizadores, obrigou seus algozes a buscarem meios de conciliação. Sendo o governador Edward Trelawney foi incentivado a negociar um tratado com os Maroons, que resultou no reconhecimento de sua liberdade e independência, representando um marco importante na história dos Maroons e na resistência à escravidão (Robert; Dallas, 2013). Sendo assim, comunidades de maroons nos Estados Unidos representam uma parte vital da história da resistência afro-americana. Sua origem, desenvolvimento e impacto cultural são testemunhos da luta pela liberdade e da resiliência diante da opressão.

A luta dos afro-americanos pela preservação de sua cultura, história religião não se limitou apenas na criação de comunidades como os *maroons*, elas expandiram-se a ponto de alcançarem grandes proporções principalmente nas regiões Sul e Norte dos Estados Unidos, isso deu graças a diversos movimentos africanistas, dentre eles, se destaca o Nacionalismo negro. O Nacionalismo Negro emergiu por volta do século XIX em resposta ao status de subgrupo imposto pelo racismo norte-americano, tal movimento foi encabeçado por grandes nomes na luta antirracista dos Estados Unidos, como Paul Cuffee e Martin R. Delaney, ambos lutavam por um retorno a África, como forma de subversão aos costumes e crenças impostos pela opressão racial norte-americana. As lutas desses dois grandes revolucionários influenciaram outros militantes africanista, um exemplo nítido é Marcus Garvey, que no início do século xx fundou um movimento que ficaria conhecido como Associação Universal para o Progresso do Negro (UNIA), Carl Monroe Hunt (1977) afirma que esta associação teve grande destaque graças a sua ênfase na autodeterminação e na tentativa de construção de uma identidade coletiva. Garvey defendia acaloradamente um retorno a África e a criação de

instituições que fomentavam a autoajuda e o comércio entre os negros americanos e africanos. E será em meio a essa efervescência de movimentos africanistas, emergirá um dos maiores movimentos influenciados pelo Nacionalismo Negro, a Vila de *Ọ̀yọ́túnjì*, criada por Walter Serge King, que posteriormente chamar-se-á *Efúntólá Adéfúnmi Osejeman Adélabú*.

*Osejeman Adéfúnmi*, nascido Walter Serge King, é uma figura fundamental na história do movimento Yorùbá na América e na fundação de *Ọ̀yọ́túnjì* Village. Nascido em 5 de outubro de 1928, em Detroit, Michigan, *Adéfúnmi* cresceu em um ambiente que refletia as aspirações e desafios da comunidade negra americana. Sua trajetória acadêmica e artística, incluindo estudos em arte comercial e dança, culminou em sua colaboração com a Katherine Dunham Dance Troupe em 1950. Esta experiência foi crucial para expandir sua visão sobre a cultura e a identidade africanas, levando-o a uma profunda reflexão sobre suas raízes e a necessidade de uma conexão mais autêntica com suas tradições ancestrais (Clarke, 2004, p. 160).

Em 1956, após uma série de experiências transformadoras, incluindo viagens ao Egito, Haiti e Cuba, *Adefunmi* fundou a Ordem de Damballa Hwedo. Esta organização tinha como objetivo promover e revitalizar a religião e a cultura africanas no contexto americano, marcando um importante ponto de inflexão na sua jornada pessoal e profissional (Clarke, 2004, p. 1). A Ordem representou um movimento significativo em direção à redescoberta das tradições africanas, distantes da representação frequentemente distorcida da cultura negra em produções teatrais e outros meios. A frustração de *Adefunmi* com o papel dos afro-americanos na arte e sua busca por uma representação mais autêntica da cultura africana o levaram a estudar intensamente a história e cultura africanas e afro-americanas, frequentemente frequentando bibliotecas como a Schomburg (Clarke, 2004, p. 160).

A fundação de *Ọ̀yọ́túnjì* Village em 1973, na Carolina do Sul, foi a concretização de sua visão de criar um espaço onde os princípios e tradições iorubás pudessem ser vividos e praticados em um contexto americano. O desenvolvimento de *Ọ̀yọ́túnjì* envolveu uma significativa adaptação das tradições africanas para se adequar ao novo ambiente, refletindo um esforço consciente

para manter a integridade cultural enquanto se ajustava às realidades locais. O vilarejo tornou-se um centro de revitalização cultural, onde Adefunmi e os residentes trabalhavam para criar uma comunidade que "refletisse as tradições dos povos iorubás da Nigéria, adaptando-as para o contexto americano" (Clarke, 2004, p. 13).

Adefunmi se destacou como um líder carismático que advogou a recuperação e celebração da cultura africana, enfatizando a importância da identidade cultural e da autonomia. Ele encorajou os afro-americanos a rejeitarem a cultura dominante americana e buscarem uma conexão mais profunda com suas raízes africanas. Esta filosofia estava em sintonia com os movimentos nacionalistas negros do século XIX e início do século XX, que promoviam a rejeição da identidade "Negro" em favor de uma identidade africana mais autêntica (Clarke, 2004, p. 160).

O sistema educacional em *Ọ̀yó̀túnjì* Village também reflete essa busca por autenticidade cultural. A abordagem educacional prioriza o aprendizado prático e a integração da cultura Yorùbá no currículo, permitindo que as crianças aprendam habilidades acadêmicas e práticas dentro do contexto de suas tradições culturais. Através de atividades do dia a dia, como compras em mercados locais, as crianças não apenas adquirem conhecimento acadêmico, mas também internalizam a importância da cultura e da história Yorùbá (Clarke, 2004, p. 84).

Em resumo, Oseijeman Adefunmi não apenas fundou *Ọ̀yó̀túnjì* Village, mas também se estabeleceu como um ícone de um movimento cultural que buscava a redescoberta e a valorização das tradições africanas na América. Seu legado é evidente na comunidade que ele ajudou a criar e na continuidade das tradições Yorùbá no contexto da diáspora africana. Através de *Ọ̀yó̀túnjì*, Adefunmi proporcionou um espaço onde "a cultura iorubá pode ser vivida e celebrada", contribuindo de maneira significativa para a rica tapeçaria da experiência afro-americana (Clarke, 2004, p. 160).

## **2. Práticas Religiosas e Culturais**

As práticas religiosas e culturais de *Ọ̀yó̀túnjì* estão intimamente enraizadas

nas tradições *Yorùbá*, refletindo um compromisso inabalável com a adoração de divindades, a veneração dos ancestrais e a realização de rituais de purificação e proteção. Conforme observado por Hunt (1977) os habitantes de *Ọ̀yọ́túnjì* acreditam que muitos dos problemas enfrentados pelos afro-americanos são resultantes da não devida adoração de seus ancestrais, bem como do sepultamento inadequado que receberam. Logo, para mitigar tais mazelas, a comunidade de *Ọ̀yọ́túnjì* realiza a adoração ancestral por meio de rituais como a inscrição dos nomes dos falecidos em cartões que são postos num altar, acompanhados de charutos, velas e copos de água, simbolizando a boa travessia dos espíritos dos mortos ancestralizados. Concomitante, as festividades e cerimônias ocupam o lugar fundamental dentro de *Ọ̀yọ́túnjì*, isso se dá pois são vistas como sinônimo de celebração e reafirmação da sua identidade cultural. Kamari Maxine Clarke (2004) documenta que *Ọ̀yọ́túnjì* celebra treze festivais anuais, são eles: Festival de *Olókun*, o Ano Novo *Yorùbá*, e os festivais dedicados às divindades *Èṣù*, *Ògún*, *Ọ̀ṣọ̀ṣì*, *Ọ̀ṣun*, *Egúngún*, *Yemojá*, *Ifá*, *Ṣàngó*, *Ọ̀bàtálá*, além do Dia do Rei, o Festival de *Oya*, o Festival *Hwedo* e o Festival de *Ọ̀balúwáiyè*.

O Festival de *Olókun* inaugura o ciclo anual de celebrações, pois é comemorado no final de fevereiro., tal festival tem como propósito celebrar a Deusa do mar profundo. Clarke (2004) afirma que apesar de na *Yorùbá*lândia *Olókun* ser cultuada apenas em celebração ao enriquecimento do solo em preparação para a temporada de plantio, em *Ọ̀yọ́túnjì* ela é celebrada pela sua relação com solo, mas também para venerar os ancestrais que morreram durante o tráfico transatlântico de escravos nos oceanos profundos. Na sequência, celebra-se o Ano Novo *Yorùbá* em 20 de março, marcando de forma simbólica a prestígio e antiguidade do povo *Yorùbá*, bem como a continuidade dessa antiga cultura no contexto contemporâneo dos Estados Unidos. Na terceira semana de março, a sociedade masculina da comunidade, *Akínkọ̀njú*, promove a celebração das divindades *Èṣù*, *Ògún* e *Ọ̀ṣọ̀ṣì*, onde concomitante ocorrem ritos de passagem e iniciação, a fim de reforçar a importância da virilidade e da transição para vida adulta dentro da comunidade. Em abril, celebrasse a feminilidade, sexualidade, o amor e a "promiscuidade" (Clarke, 2004), por intermédio do festival dedicado a Deusa *Ọ̀ṣun*.

A terceira semana de maio é dedicada à celebração dos ancestrais *Yorùbá* divinizados, conhecidos como *Egúngún*. Dentre as diversas festividades realizadas na comunidade de *Ọ̀yó̀túnjì*, esta é a mais prolongada, estendendo-se até o dia 5 de junho. Conforme observado por Clarke (2004), o festival atrai milhares de turistas, praticantes, retornados, novos iniciados e crianças. Esse grande afluxo de pessoas ocorre, em parte, devido ao início das férias de verão, período que naturalmente favorece a participação e o interesse nas atividades festivas e contribui para a revitalização do interesse pela cultura, tradição e religião *Yorùbá*. No final de junho, a sociedade feminina organiza o festival de *Yemojá*, celebrando a sobrevivência e a resistência das mulheres afro-americanas, bem como a feminilidade e maternidade. No mês de julho há um dos festivais mais prestigiados da comunidade, o Festival de *Ifá*, divindade responsável pela adivinhação e o destino. Os últimos dias do mês de julho é voltado para o festival da divindade central da comunidade *Ọ̀yó̀túnjì*, o Deus do trovão, fogo, virilidade masculina bem como da justiça social, *Şàngó*. *Şàngó* ocupa um lugar impar dentro da comunidade, pois seus membros creem que seu poder atuante no Antigo Império de *Ọ̀yó̀* subsistiu expandindo-se até as Américas.

Em agosto, celebra-se a divindade patrona de *Ọ̀yó̀túnjì*, *Ọ̀bàtálá*, o Deus do povo de *Ìgbò*, Senhor da brancura, pureza e sabedoria, que é reverenciado como o protetor do *Ọ̀ba Adefunmi*, bem como dos chefes seniores da comunidade. No início de outubro, a comunidade celebra o Dia do Rei, onde os ancestrais da realeza, bem como o rei vivo, são reverenciados. Essa celebração é seguida pelo Festival de *Ọ̀ya*, onde a Deusa das tempestades, da morte e da transformação é reverenciada. No final de outubro, é realizado o Festival de *Hwedo*, onde o povo de *Ọ̀yó̀túnjì* celebra os mortos desconhecidos da “raça africana”. Este festival é conhecido pelo desfile de fantasmas e vigílias de velas. Este festival é também visto pelos membros da comunidade como um momento de reconexão e reforço do vínculo com seus ancestrais, bem como um meio de reafirmação da identidade cultural e religiosa, destacando a importância das tradições *Yorùbá* na diáspora.

Por fim, o ciclo anual de festividades em *Ọ̀yó̀túnjì* culmina com a celebração dedicada ao *Òrìşà Ọ̀balúwáiyè*. Segundo as observações de Kamari Maxine Clarke:

O festival de *Ọ̀balúwáiyè*, celebrado no final de dezembro durante o Natal ocidental, o Kwanzaa mainstream e outros feriados americanos, é uma celebração de sete dias, de 23 a 31 de dezembro. Marca o início do solstício de inverno, assim o começo de uma nova estação. É nesse momento que o *Ọ̀ba* da comunidade é sequestrado, hibernando por sete dias para realizar seus próprios rituais; travessuras são permitidas e as regras da comunidade podem ser quebradas. Todas essas celebrações envolvem sacrifícios de sangue, orações, leituras de adivinhação e várias formas de purificações. (Clarke, 2004, p.61).

As práticas religiosas e culturais presentes na comunidade de *Ọ̀yó̀túnjì* evidenciam um profundo compromisso na preservação e revitalização das tradições *Yorùbá* em território diaspórico. Por intermédio de seus festivais anuais, a comunidade reafirma e reivindica sua identidade cultural e religiosa, demonstrando sua profunda reconexão ancestral. Como apontado, esses festivais não apenas celebram tais divindades e ancestrais divinizados, mas também proporcionam um espaço para reflexão sobre a herança cultural e os desafios enfrentados por estas comunidades afro-americanas. A diversidade de festivais presentes em *Ọ̀yó̀túnjì* — seja desde a celebração de *Olókun* até o festival de *Ọ̀balúwáiyè* — revela a quão intrincada e multifacetada é a tradição *Yorùbá*, ao passo que reafirma a importância de rituais de purificação e proteção como devolutiva as intempéries enfrentadas pela comunidade.

Além disso, as festividades em *Ọ̀yó̀túnjì* são mais do que simples eventos comemorativos; são momentos de revalorização cultural e renovação espiritual que permitem à comunidade manter viva a herança *Yorùbá*. A realização desses rituais e celebrações, muitas vezes adaptadas ao contexto da diáspora, fortalece a coesão social e proporciona um meio para que a identidade cultural seja preservada e transmitida às novas gerações. Assim, *Ọ̀yó̀túnjì* não apenas celebra suas tradições, mas também molda a prática religiosa e cultural em um contexto que continua a evoluir, demonstrando a adaptabilidade e a resiliência das tradições *Yorùbá* no cenário contemporâneo.

### **3. *Ọ̀yó̀túnjì Village* e o Pluralismo Religioso nos Estados Unido**

O intercâmbio de *Ọ̀yó̀túnjì* com outras tradições religiosas nos Estados Unidos demonstra-se como um fenômeno intrincado e multifacetado. A comunidade engaja-se em diálogo contínuo com “comunidades cristãs,

muçulmanas e outras tradições afro-americanas, promovendo um intercâmbio de ideias e práticas que resulta no enriquecimento mútuo das partes envolvidas” (Koike, 2011, p. 81). Esse pluralismo religioso é promovido por eventos específicos, como festivais, workshops, dentre outros eventos promovidos pela comunidade, a fim de compartilharem experiências e crenças, estabelecendo assim um espaço de respeito e compreensão mútua.

A relevância de tais interações é sublinhada por Pinn (2003), que aponta que as comunidades afro-religiosas como *Ọ̀yó̀túnjì* desempenham um papel essencial na preservação e revitalização das tradições afroespirituais nos Estados Unidos. Tal interação religiosa não apenas assegura a perpetuidade de práticas religiosas específicas, mas também promove um ambiente de pluralismo religioso, no qual diferentes tradições se enriquecem mutuamente. Koike (2011) observa que "os americanos iorubás ainda mantêm seus laços sinceros com a comunidade" e que "doutrinas e a religião/cultura *Yorùbá* foram reinterpretadas," o que demonstra como a vila se adapta e interage com outras tradições. Outrossim, como vimos anteriormente, *Ọ̀yó̀túnjì* se posiciona como um bastião de resistência cultural, no qual as tradições africanas são salvaguardadas e celebradas em sua forma mais autêntica. Este papel é notavelmente relevante em um contexto onde tradições religiosas africanas frequentemente enfrentam marginalização e estigmatização. A vila, portanto, não apenas mantém essas tradições, mas também as promove ativamente, desafiando as narrativas hegemônicas que tendem a desvalorizar as práticas espirituais africanas

*Ọ̀yó̀túnjì* assume um papel importante na promoção do pluralismo religioso e cultural nos Estados Unidos, funcionando como um exemplo vivo de como as tradições africanas podem ser integradas e valorizadas em um contexto multicultural. A vila transcende sua função de espaço de prática religiosa, atuando também como um centro cultural e educacional, onde são realizados workshops, seminários e festivais que atraem indivíduos de diversas origens religiosas e culturais. Koike (2011) destaca que "a vila é reativada por meio de festividades, rituais, sociedades e buscadores de iniciação," o que demonstra seu papel ativo na educação e promoção da cultura *Yorùbá*. Tais eventos são essenciais para a promoção da conscientização e aceitação das práticas religiosas

africanas, contribuindo para a formação de um ambiente mais inclusivo e pluralista. Ao abrir suas portas ao público, *Ọ̀yó̀túnjì* proporciona uma oportunidade única para que indivíduos de diversas tradições religiosas experienciem e compreendam as práticas iorubás, viabilizando uma valorização genuína da diversidade cultural e espiritual.

O pluralismo religioso promovido pela comunidade de *Ọ̀yó̀túnjì* transcende a mera coexistência de múltiplas tradições religiosas; ele envolve uma apreciação genuína e uma valorização profunda das diferenças culturais e espirituais. Prothero (2010) ressalta que o pluralismo religioso nos Estados Unidos é enriquecido por comunidades como *Ọ̀yó̀túnjì*, que desafiam as narrativas dominantes e oferecem novas perspectivas sobre espiritualidade e identidade cultural.

O impacto de *Ọ̀yó̀túnjì* na promoção do pluralismo religioso e cultural é ampliado por sua capacidade de inspirar outras comunidades a valorizar e integrar suas próprias tradições culturais e espirituais. Desse modo, *Oyotúnjì* não apenas conserva sua herança cultural e ancestral, mas também contribui para uma tessitura social mais rica e diversificada nos Estados Unidos. Conforme Koike (2011) conclui, "a vila se transformou, de uma comuna onde a identidade homogênea e coletiva era forçada, para uma terra sagrada onde peregrinações individuais podem ser feitas," enfatizando a evolução da vila como um espaço dinâmico, intrincado e multifacetado permeado por pluralismo e diversidade. Tal processo contínuo de transformação e adaptação sublinha o papel de *Oyotúnjì* como um ponto de encontro vital para a integração e celebração das tradições culturais e espirituais em um contexto multicultural.

#### **4. Impacto Social e Cultural**

Desde sua fundação, *Ọ̀yó̀túnjì* Village tem se destacado como um centro vital para a preservação e promoção da cultura *Yorùbá* nos Estados Unidos. Por meio da manutenção de práticas culturais autênticas e da reinterpretação de tradições, a comunidade tem conseguido sustentar a herança *Yorùbá*. Hunt (1977) observa que “sob a liderança de Oseijeman Adéfúnmi, a Vila se tornou o ponto focal de uma reconstrução autêntica das práticas tradicionais *Yorùbá*”

(Hucks; Carrasco, 2023, p. 359). Esta reconstrução não apenas preserva as tradições, mas também as adapta ao contexto contemporâneo, permitindo que novos membros da comunidade se conectem com suas raízes culturais.

Além disso, a participação das crianças em rituais e cerimônias é fundamental para a transmissão cultural. Como destacado, “as crianças que são sacerdotes e sacerdotisas têm deveres a cumprir quando seus cultos realizam cerimônias” (Hucks; Carrasco, 2023, p. 359). Essa prática não só instrui os jovens sobre suas tradições, mas também os envolve ativamente na vida comunitária, reforçando a importância da cultura *Yorùbá* em suas vidas diárias.

A influência de *Ọ̀yọ́túnjì* vai além da preservação cultural; a comunidade também desempenha um papel significativo nas questões sociais e políticas locais. Através da implementação de novas leis que abordam as dinâmicas de gênero, a comunidade demonstrou sua capacidade de adaptação e resposta a problemas sociais. Hunt (1977) relata que “a necessidade dessas leis se tornou aparente quando perceberam que alguns homens estavam abusando de sua autoridade como maridos” (Hucks; Carrasco, 2023, p. 359). Essa mudança não apenas reflete uma adaptação às necessidades contemporâneas, mas também um compromisso com a justiça social dentro da comunidade.

A institucionalização das práticas *Yorùbá*, como observado por Pichardo, é essencial para que a comunidade se torne uma força que protege seus próprios interesses. Pichardo comentou que “para ter sucesso nesta sociedade, você precisa ser institucionalizado” (Hucks; Carrasco, 2023, p. 359). Isso se reflete na maneira como *Ọ̀yọ́túnjì* se posiciona em relação a questões sociais, como a luta contra a discriminação racial e a promoção da justiça social. Através de eventos comunitários e colaborações com outras organizações, *Ọ̀yọ́túnjì* se torna um agente de mudança, promovendo a conscientização sobre questões que afetam não apenas os *Yorùbá*, mas também a comunidade afro-americana mais ampla. Além disso, *Ọ̀yọ́túnjì* é visto como um símbolo de resistência e identidade para os afro-americanos. Sua existência e práticas culturais oferecem um espaço onde questões de identidade racial e cultural podem ser discutidas e exploradas. Hunt (1977) sugere que “se os residentes forem ter sucesso em expandir *Ọ̀yọ́túnjì* e desempenhar um papel significativo na determinação do destino dos afro-

americanos, talvez eles devam intensificar seus esforços” (Hucks; Carrasco, 2023, p. 359). Isso indica que a comunidade não apenas preserva a cultura Yorùbá, mas também se posiciona ativamente nas discussões sociais e políticas que afetam a vida dos afro-americanos.

O impacto social e cultural de *Ọ̀yó̀túnjì* é profundo e multifacetado. A comunidade não apenas preserva e promove a rica herança cultural Yorùbá, mas também se posiciona como um ator significativo nas questões sociais e políticas locais. Através de sua dedicação à tradição e à inovação, *Ọ̀yó̀túnjì* exemplifica como as comunidades podem manter suas identidades culturais enquanto navegam nas complexidades da vida moderna. A experiência de *Ọ̀yó̀túnjì* serve como um modelo para outras comunidades que buscam equilibrar a preservação cultural com a adaptação às realidades contemporâneas. A influência de *Ọ̀yó̀túnjì* nas questões sociais e políticas locais é um testemunho do poder da cultura na formação de identidades e na promoção da justiça dentro da sociedade. A transformação contínua e a adaptação da vila sublinham seu papel como um ponto de encontro vital para a integração e celebração das tradições culturais e espirituais em um contexto multicultural.

## 5. Desafios e Perspectivas Futuras de *Ọ̀yó̀túnjì Village*

*Ọ̀yó̀túnjì Village*, enquanto uma comunidade Yorùbá na diáspora, enfrenta uma série de desafios que impactam sua sustentabilidade, crescimento e aceitação social. A luta para manter as tradições culturais e religiosas em um contexto frequentemente marginalizador é um dos principais obstáculos enfrentados. Clarke (2004) destaca que “a história de práticas religiosas e legais na região circum-atlântica evidencia a extensão em que práticas em mudança estão conectadas a formações políticas e econômicas em transformação” (Clarke, 2004, p. 120). Esta interconexão entre práticas culturais e condições sociais e econômicas molda a vida em *Ọ̀yó̀túnjì*, revelando a complexidade da experiência da comunidade.

Um dos desafios mais significativos é a sustentabilidade econômica da comunidade. A dependência de doações e atividades de turismo cultural pode se mostrar insuficiente para garantir a continuidade das tradições e a manutenção

das infraestruturas necessárias. A escassez de recursos financeiros e a necessidade de atrair novos membros para a comunidade colocam pressão sobre as estruturas existentes. Clarke (2004) observa que “as reclassificações de subjetividade devem ser entendidas em relação a modalidades historicamente constituídas de poder” (Clarke, 2004, p. 120). Isso sugere que a luta por reconhecimento e legitimidade é uma constante na trajetória de *Ọ̀yó̀túnjì*, onde a sobrevivência cultural está intimamente ligada à capacidade de navegar por um ambiente social frequentemente hostil.

Além disso, a aceitação social de *Ọ̀yó̀túnjì* é um desafio contínuo. A comunidade enfrenta resistência de um contexto mais amplo que frequentemente marginaliza as tradições *Yorùbá*, dominadas por narrativas cristãs e ocidentais. A discriminação racial e cultural pode dificultar a integração da comunidade na sociedade americana mais ampla. Clarke (2004) menciona que “a pilhagem de recursos para acumulação imperial e o desenvolvimento de novas relações de valor humano devem ser entendidos em relação às novas lógicas de nação” (Clarke, 2004, p. 120). Essa análise sugere que a luta de *Ọ̀yó̀túnjì* não é apenas uma questão de sobrevivência cultural, mas também uma batalha por reconhecimento e valorização em um mundo que frequentemente silencia as vozes das comunidades afrodescendentes.

Apesar tais desafios, as perspectivas para o futuro de *Ọ̀yó̀túnjì* são promissoras. A comunidade tem adotado estratégias inovadoras para manter e expandir suas tradições. A educação e a conscientização sobre a cultura *Yorùbá* são fundamentais para atrair novos membros e fortalecer a identidade comunitária. Clarke (2004) argumenta que “a análise micro das imaginações sociais envolve a resignificação e a rotinização de novas práticas” (Clarke, 2004, p. 17). Isso implica que a adaptação e a reinvenção das tradições são essenciais para a sobrevivência da comunidade, permitindo que *Oyotúnjì* se mantenha relevante em um mundo em constante mudança.

Além disso, *Ọ̀yó̀túnjì* desempenha um papel crucial na continuidade e adaptação das práticas religiosas *Yorùbá* na diáspora. Através de rituais e celebrações, a comunidade não apenas preserva suas tradições, mas também as reinterpreta para se adequar ao contexto contemporâneo. Clarke (2004) observa

que “as práticas religiosas que emergem fora da Nigéria são práticas híbridas que refletem a complexidade da diáspora” (Clarke, 2004, p. 21). Esta hibridização é uma força vital que permite que *Ọ̀yó̀túnjì* se mantenha conectada às suas raízes, ao mesmo tempo em que se adapta às novas realidades sociais e culturais.

A trajetória de *Ọ̀yó̀túnjì* Village é um testemunho da resiliência e da capacidade de reinvenção das comunidades afrodescendentes. Através de suas práticas culturais e religiosas, a comunidade não apenas preserva um legado histórico, mas também contribui para a construção de novas identidades e significados na diáspora. A luta por reconhecimento e valorização das tradições Yorùbá é uma expressão da resistência cultural e da busca por um espaço legítimo na sociedade contemporânea.

Em suma, *Ọ̀yó̀túnjì* Village enfrenta desafios significativos relacionados à sustentabilidade, crescimento e aceitação social, mas também possui perspectivas promissoras para o futuro. Através de estratégias de educação, conscientização e adaptação cultural, a comunidade pode continuar a desempenhar um papel vital na preservação e evolução das práticas religiosas Yorùbá na diáspora. A trajetória de *Ọ̀yó̀túnjì* é um exemplo inspirador de como as comunidades afrodescendentes, apesar das adversidades, buscam afirmar sua identidade e legado cultural em um mundo em constante transformação

## **Conclusão**

A análise de *Ọ̀yó̀túnjì* Village destaca não apenas a resiliência de uma comunidade afro-americana, mas também a vitalidade contínua da cultura Yorùbá em um contexto moderno. Desde sua criação, a vila tem se estabelecido como um espaço crucial para a preservação e adaptação das tradições culturais e religiosas, funcionando como um farol de identidade para os descendentes de Yorùbá na diáspora. Por meio da prática autêntica e da reinterpretação de rituais, *Ọ̀yó̀túnjì* não só mantém viva a herança cultural, mas também a reinventa, permitindo que novas gerações se conectem de forma significativa com suas raízes.

No entanto, a trajetória da comunidade não é isenta de desafios. A luta pela

sustentabilidade econômica e o reconhecimento social são questões que demandam atenção e inovação constantes. A dependência de doações e do turismo cultural, embora essenciais, pode não ser suficiente para assegurar a continuidade das tradições e a manutenção das infraestruturas necessárias. Assim, a capacidade de *Ọ̀yótúnjí* de navegar em um ambiente social frequentemente adverso é um testemunho da força e da determinação de seus membros. Além disso, a experiência de *Ọ̀yótúnjí Village* oferece um modelo para outras comunidades que buscam equilibrar a preservação cultural com a adaptação às realidades contemporâneas. A interseção entre práticas culturais e as condições sociais e econômicas atuais sublinha a importância de um diálogo contínuo sobre identidade, pertencimento e diversidade. Ao promover um espaço de respeito e compreensão mútua, *Ọ̀yótúnjí* contribui de forma significativa para o mosaico cultural dos Estados Unidos.

Portanto, a história de *Ọ̀yótúnjí* é uma narrativa de resistência e celebração que nos convida a refletir sobre o papel das comunidades na preservação de suas identidades culturais em um mundo em constante mudança. À medida que avançamos, é crucial apoiar e valorizar essas iniciativas que não só preservam tradições, mas também enriquecem a tapeçaria cultural da sociedade americana. A continuidade da herança Yorùbá, em sua forma mais autêntica e adaptada, é um legado que merece ser celebrado e protegido.

## REFERÊNCIAS

CAPONE, Stefania. **Os Yorùbá do novo mundo: Religião, etnicidade e nacionalismo negro nos Estados Unidos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

CLARKE, Kamari Maxine. **Mapping Yorùbá Networks: Power and Agency in the Making of Transnational Communities**. Durham: Duke University Press, 2004.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o libambo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

DALLAS, Robert Charles. **The History of the Maroons from their Origin to the Establishment of their Chief Tribe at Sierra Leone**. 1. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HUCKS, Tracey E.; CARRASCO, David. **Yoruba Traditions and African American Religious Nationalism**. Novo México: University of New México Press, 2014.

HUNT, Carl Monroe. **Oyotunji Village: The Yoruba Movement in America.** 1977. Tese. 170f. (Doutorado em educação). West Virgínia Uninversity, Morgantown, 1977.

KOIKE, Ikuko. **Changing Orisa Worship: Anti-White/Christian Ideology and the Black Relationships with Africa in the Yoruba American Socio-Religious Movement.** [S.l.]: [s.n.], 2010.

MOURA, Clóvis. **Quilombos e a Rebelião Negra.** 1. ed. Editado por Márcio Farias. Prefácio de Fábio Nogueira. Orelha de Weber Lopes Góes. Salavador: Dandara Editora, 2022.

PINN, A. B. **Terror and Triumph: The Nature of Black Religion.** Minneapolis: Fortress Press, 2003.

PROTHERO, S. **God Is Not One: The Eight Rival Religions That Run the World.** New